



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB)
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS V
COLEGIADO DE HISTÓRIA

JOELIA SILVA FIGUEIRA

**MULHERES DE DOM MACEDO COSTA: DESIGUALDADES DE GÊNERO
E PROCESSOS DE RESISTÊNCIAS NAS RELAÇÕES MATRIMONIAIS**

SANTO ANTONIO DE JESUS- BA

2022

JOELIA SILVA FIGUEIRA

**MULHERES DE DOM MACEDO COSTA: DESIGUALDADES DE GÊNERO
E PROCESSOS DE RESISTÊNCIAS NAS RELAÇÕES MATRIMONIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em História da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – Campus V, como requisito obrigatório para conclusão do componente curricular TCC IV: Orientação de Pesquisa II, 2022.2

Professora orientadora: Dra. Vânia Nara Pereira Vasconcelos

Santo Antônio de Jesus-BA
2022

FICHA CATALOGRÁFICA

Sistema de Bibliotecas da UNEB

S586m

Silva, Joelia Silva Figueira

Mulheres de Dom Macedo Costa: desigualdades de Gênero e processos de resistências nas relações matrimoniais: desigualdades de Gênero e processos de resistências nas relações matrimoniais / Joelia Silva Figueira Silva. - Santo Antônio de Jesus, 2022.

41 fls : il.

Orientador(a): Vânia Nara Pereira Vasconcelos.

Inclui Referências

TCC (Graduação - História) - Universidade do Estado da Bahia.
Departamento de Ciências Humanas. Campus V. 2022.

1. Estereótipos . 2. Dom Macedo Costa. 3. Mulher .

CDD: 981

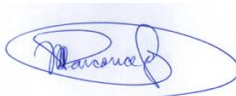
JOELIA SILVA FIGUEIRA

**MULHERES DE DOM MACEDO COSTA: DESIGUALDADES DE GÊNERO
E PROCESSOS DE RESISTÊNCIAS NAS RELAÇÕES MATRIMONIAIS**

Artigo apresentado como um dos requisitos para obtenção do grau de Licenciatura em História na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Departamento de Ciências Humanas – Campus V, pela seguinte banca examinadora:

Data da defesa: 16 de dezembro de 2022

BANCA EXAMINADORA:



Profa. Dra. Vânia Nara Pereira Vasconcelos – Professora Orientadora
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)



Profa. Dra. Alaíze dos Santos Conceição – Convidada
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)



Profa. Dra. Tania Mara Pereira Vasconcelos – Convidada
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

SANTO ANTÔNIO DE JESUS
2022

Dedico esse trabalho ao meu pai ANTÔNIO (em memória) e meu tio ELIEL (em memória) que foi meu segundo pai. As minhas amigas de turma ANA CAROLINE, ELIJANE ÍTILA E POLIANA. À minha irmã de coração Laís e a minha família em especial, a minha sogra EDINEIDE e meu esposo ANDERSON que sempre estiveram ao meu lado e para todos/as aqueles e aquelas que torceram para este momento.

Resumo: Este estudo tem como objetivo analisar os principais fatores que reforçam estereótipos referentes ao comportamento das mulheres em suas relações matrimoniais e em sua vida social na cidade de Dom Macedo Costa, entre os anos noventa do século passado aos dias atuais. Desta forma, problematiza o quanto o patriarcado e o machismo podem interferir no controle dos corpos femininos dentro e fora do casamento. Pretende ainda identificar, a partir de entrevistas orais, com mulheres de faixa etária, escolaridade e poder econômico diferentes, as mudanças e permanências no que trata das questões de gênero e dos aspectos das relações matrimoniais.

Palavras-chaves: Mulheres, desigualdade de gênero, casamento, resistências.

Abstract: This study aims to analyze the main factors that reinforce stereotypes regarding the behavior of women in their marriage relationships and in their social lives in the city of Dom Macedo Costa, from the 1990s to the present day. Thus, it problematizes how much patriarchy and machismo can interfere with the control of female bodies inside and outside of marriage. It also attempts to identify, based on oral interviews with a group of women of varying ages, education, and economic power, the changes and permanences regarding gender issues and aspects of marriage relationships.

Keywords: Women, gender inequality, marriage, resistance.

Introdução

Estudar as mulheres é ter em relevância que são um grupo que foi invisibilizado durante muitos séculos na sociedade, dentro dessa invisibilidade, as mulheres negras e pobres sofrem uma dupla vulnerabilidade social. Vivemos em uma sociedade marcada pelo patriarcado e o machismo, em um processo de dominação do sexo masculino sobre o feminino, reforçado nas vigilâncias dos corpos das mulheres. Estas, ao longo dos séculos, foram criadas para obedecer à figura masculina, seja do pai ou irmão, e do marido, depois de casadas. Ao longo das últimas décadas, elas foram ganhando espaços e visibilidade, vale salientar que dentro dessa aparente visibilidade, é preciso ter um olhar especial para as mulheres negras e de baixo poder econômico.

Nesse trabalho pretende-se estudar o lugar e o papel das mulheres de Dom Macedo Costa¹, uma pequena cidade do interior da Bahia, no contexto do casamento, assim como as mudanças e permanências que ocorreram da década de 90 do século passado aos dias atuais, identificando a construção de estereótipos nessas relações e suas consequências sobre a vida das mulheres naquela sociedade. Pretende-se ainda analisar como elas fizeram e fazem para combater as relações de poder, com enfoque nas mulheres negras, de classe econômica baixa, que residem no espaço rural e não pertencem a uma classe privilegiada. Para o desenvolvimento da pesquisa utilizamos predominantemente as fontes orais, assim como cartas, imagens e um relato que conta um pouco da trajetória de uma dessas mulheres no contexto vivido por ela.

Partindo da perspectiva de que vivemos em uma sociedade patriarcal e que o sexo masculino é colocado em uma posição superior ao feminino, trazemos como problemática da pesquisa a análise de estereótipos que definem o lugar social das mulheres a partir do casamento e da maternidade, excluindo outras possibilidades de existências válidas para as mulheres.

Dessa forma, podemos nos perguntar: como identificar esses estereótipos nas relações matrimônios? De que maneira eles afetam diretamente a vida das mulheres dentro e fora do casamento? Quais ações as mulheres praticam para mudar essa realidade? O que permanece e o que mudou no pensamento e na prática dessas mulheres?

¹ A cidade está localizada na Microrregião do Recôncavo Sul, distando 180 km da capital do estado. Tem sua população estimada pelo IBGE de 4.072 habitantes. Completou este ano 60 anos de emancipação política, vigorada pela lei Lei Estadual nº 1652 – de 04 de abril de 1962.

Para compreender melhor essa realidade iremos analisar as mudanças ocorridas nas últimas décadas nas relações matrimoniais no Brasil, como a lei do divórcio de 1987 e a chegada da pílula anticoncepcional em 1962 que transformou a vida das mulheres, dando a elas mais opção de escolha e liberdade, assim como as transformações de comportamento e pensamentos das mulheres, especialmente a partir da atuação dos movimentos feministas, que tiveram grande impacto no questionamento ao estereótipo da mulher-esposa-mãe. A partir daí se estabelecerá um diálogo com a vida das mulheres Dom Macedo Costa, a partir das suas trajetórias, com enfoque nas mudanças e permanências.

O referencial teórico permite verificar o estado do problema a ser pesquisado, sob o aspecto teórico e de outros estudos já realizados (LAKATOS; MARCONI, 2003). Existem muitas pesquisas e obras historiográficas a respeito do comportamento das mulheres em sociedade, como elas são atingidas pelas normas e estereótipos, mas também sobre suas formas de resistência. Cabe salientar as obras de Vânia Vasconcelos (2006, 2017, 2019), que trabalha as insurgências das mulheres no sertão baiano, Claudia Maia (2011) que contribui com o debate sobre a conjugalidade compulsória, a partir da estigmatização da “solteirona”, bell hooks, Lélia González e Ângela Davis, que trazem importantes contribuições às questões das mulheres negras, do racismo e sexismo estrutural, Guacira Lopes, sobre o conceito de gênero e Tânia Vasconcelos, que estuda questões ligadas as moralidades e sexualidade das mulheres sertanejas. Essas autoras, utilizadas como referencial teórico neste artigo, abordam em suas obras a vida e lutas das mulheres em sociedade e a luta por igualdade, elucidando os meios de resistências contra o patriarcado e o machismo.

A construção histórica dos estereótipos femininos

A importância de se ter um maior aprofundamento sobre como os estereótipos são peças fundamentais para se entender as diferenças de gêneros e o papel da mulher nas relações compulsórias dentro do casamento, bem como as reflexões e impactos que as mesmas sofrem e como se desenvolvem os processos de resistência é preciso aprofundar como esses estereótipos foram se construindo historicamente na sociedade. Assim, é preciso entender como eles afetam diretamente a vida das mulheres, seja no campo conjugal ou nas suas carreiras profissionais, e se esses padrões matrimoniais da “mulher do lar”, que sempre está disposta a prover o bem estar do marido e da família continuam afetando suas vidas em sociedade ou não.

Os discursos que reforçam a ideia de que a mulher precisa ser virgem e “pura” para poder se casar, de que para uma mulher ser completa e realizada precisa estar em um casamento, de que seu papel na sociedade é direcionado para o cuidado da casa, do esposo e dos filhos, não foi algo criado de um dia para noite, é uma construção ao longo da história. Os primeiros moldes de idealização da mulher vieram de conceitos religiosos, dentro de uma concepção judaico-cristã a mulher carrega o peso do pecado original, tendo sua sexualidade reprimida e podada, enquanto o homem é visto e colocado como superior e isso validaria a sua dominação sobre as mulheres. Em um artigo na revista *Ártemis* “Visões sobre as mulheres na sociedade ocidental”, (VASCONCELOS, 2005, p.3) afirma que nessa visão:

Essa hierarquia de gênero também estaria relacionada ao fato de no homem prevalecer à razão e o espiritual, enquanto na mulher prevalece o desejo. O homem deve dominar a mulher, pois esta é oriunda dele e não contrário. (VASCONCELOS, 2005, p.3)

Segundo os preceitos bíblicos quando Adão come a maçã proibida, ele culpa Eva pelo ato, assim a mulher ficaria em uma posição de responsabilidade sobre a desestabilidade na relação entre Adão e a ordem de Deus:

Eva desintegrou a ordem criada por Deus, criando uma nova ordem. Ela foi criada para ser passiva, no entanto, ela subverte essa ordem ao fazer o homem pecar, e então Deus a recolocar no seu lugar, punindo-a com a submissão ao homem. (VASCONCELOS, 2006 p. 04)

Evidencia-se assim o primeiro estereótipo ao qual atribui à mulher o papel de submissão ao homem, o que reforça o patriarcado e o machismo, em um processo de dominação do sexo masculino sobre o feminino. As mulheres ao longo dos séculos foram criadas para obedecer à figura masculina, seja do pai ou irmão, ou do marido, depois de casadas.

Para redimir essa visão do feminino, a Igreja colocou outra figura como representação da mulher, ela não estaria mais associada à Eva, a pecadora, mas poderia ser comparada à Maria, o ideal de mulher pura, já que no século XII, o culto à Virgem Maria teria ganhado força. Não devemos esquecer que o culto mariano não ficou somente na Europa, mas veio para o Brasil devido à colonização. Quando se fala no culto à Virgem Maria este está plenamente associado à defesa da virgindade, da ideia da mulher feita para ser mãe, para cuidar do lar. Abrindo caminho para a construção de estereótipos de uma mulher que deve preservar a virgindade como símbolo de um ideal de mulher, as que quebrassem essa regra

cairiam em “desgraça”, podendo ficar faladas e não podendo se casar, porque mulher para casar tem de ser virgem, para assim ser uma boa mãe. Porém, como explicar que um ser que antes era considerado diabólico pelo pecado original, teria condições de se adequar à função de boa esposa, mãe, amorosa e dócil? A resposta veio com os iluministas ressaltados por Vasconcelos:

Os iluministas, a exemplo de Rousseau vão tentar resolver esta contradição, para eles, a mulher não pode mais ser considerada inferior ao homem, ela deve ser complementar a este, ou seja, o fato deles serem biologicamente diferentes os fazem ter funções sociais também diferenciadas. Na sociedade idealizada por estes pensadores, cabe à mulher cuidar da casa, dos filhos e do marido, enquanto o homem deve pertencer à esfera pública. Esses argumentos são fundados na ideia de que a natureza já determinou os papéis sociais de gênero, reforçando assim a necessidade de convencer as mulheres do seu destino “natural” de ser mãe. (VASCONCELOS, 2005, p. 8).

O lar para muitas mulheres seria assim uma prisão, sinal de controle dos seus corpos e de suas atitudes para manter o “bom tom” perante a sociedade. As delimitações de tarefas também estavam organizadas: o homem como o provedor do lar e a mulher, para ser considerada uma boa esposa precisava cuidar dos afazeres domésticos e dos filhos, além de ter sobre os ombros a responsabilidade da felicidade conjugal e não irritar o marido.

No livro *Domínios da História*, no capítulo destinado a história das mulheres, escrito por Rachel Soihet (1997), é possível destacar elementos e análise de várias autoras sobre os motivos da invisibilidade da mulher no decorrer do tempo e como os movimentos feministas contribuíram para a desmistificação dos estereótipos que impregnaram a história das mulheres.

É imprescindível colocar a mulher na história e não à margem dela, entender que as mulheres fizeram parte das revoluções e movimentos sociais e que seu papel como a “rainha do lar” foi algo imposto por uma sociedade, que tem a figura do homem, branco e heterossexual, como o detentor de um poder absoluto, acarretando uma invisibilidade da história feminina estimulando assim estereótipos e preconceitos.

O desenvolvimento de novos campos como a história das mentalidades e a história cultural reforça o avanço na abordagem do feminino. Apoiam-se em outras disciplinas - tais como a literatura, a linguística, a psicanálise, e, principalmente, a antropologia - com o intuito de desvendar as diversas dimensões desse objeto assim, a interdisciplinaridade, uma prática, enfatizada nos últimos tempos pelos profissionais da história, assume importância crescente nos estudos sobre as mulheres. (SOIHET, 1997, p. 401)

Na dissertação da professora e historiadora Vânia Vasconcelos intitulado *Evas e Marias em Serrolândia: práticas e representações sobre as mulheres em uma cidade do interior* (2006) a autora analisa como a Igreja colocava a mulher como um ser perigoso para os homens, sendo o casamento uma opção para eles não pecarem, por outro lado a mulher se sujeitaria à submissão do prazer masculino:

O casamento foi instituído por Deus no Paraíso, e só a procriação justificaria os prazeres carnis. E também de acordo com o Gênesis está claro o papel da mulher nessa instituição; esta deve servir o homem, ser sujeita a ele, podendo sofrer todas as humilhações, se não logo trará discórdia ao leito matrimonial (VASCONCELOS, 2006, p. 32)

Fica subtendido assim que, mais uma vez, o caráter religioso irá definir as ações femininas e seu papel dentro de uma relação matrimonial, caracterizando assim a normalidade da servidão da mulher, diante da figura masculina, dando início à formação de mais um estereótipo, o da “mulher santa”, feita para atuar exclusivamente no lar, ser pura, o seu modo de agir precisa está ligado a boa conduta, não dar margem para falatórios que poderiam colocar em risco sua reputação. Porém, em hipótese alguma esta mulher poderia ser “falada” ou considerada “perdida”, a mulher perdida era aquela que não era mais virgem, que vivia uma vida considerada desregrada e não seria uma boa escolha para se ter como esposa. O medo de ficar falada ou até mesmo ser considerada como perdida levava muitas dessas mulheres a se submeter a exames para provar sua virgindade, essa prática aparece de forma recorrente em processos de sedução. Em seu artigo “Sertão das muié séria? Convenções de gênero e rebeldia feminina em processos judiciais em Jacobina” a historiadora Tânia Vasconcelos faz referências a essas questões:

Perder a virgindade sem se casar ou, popularmente, ‘ficar perdida’ tinha uma repercussão muito grande na vida das moças sertanejas no contexto estudado. Em uma sociedade marcada por fortes desigualdades de gênero, a publicidade desse tipo de acontecimento as levava a ‘ficarem faladas’, comprometendo as possibilidades de conseguir um futuro casamento. (VASCONCELOS, 2019, p. 320)

A importância da virgindade em Serrolândia na década de 1960 apareceu de forma bastante enfática nas entrevistas realizadas com pessoas que ali viveram nesse período. As exigências em torno do comportamento feminino estavam relacionadas à preservação deste “bem”, ainda precioso e necessário para a garantia do casamento. Ainda que as mulheres tivessem comportamentos considerados inadequados a uma “moça de família”, estas faziam questão de “não se perder”, pois sabiam, ou pelo menos imaginavam as consequências deste ato. (VASCONCELOS, 2006, p 32).

Percebemos que as duas autoras dialogam sobre a importância da virgindade e o quanto era preciso que esta fosse preservada para não deixar margem para desconfianças, uma “boa moça” jamais poderia ficar falada.

Ao longo da pesquisa este medo de ficar falada ou considerada perdida está presente nos relatos e entrevistas feitas com mulheres de Dom Macedo Costa. De certa forma, isso evidencia que, mesmo décadas depois de mudanças importantes ocorridas no Brasil nos anos 70 e 80 do século passado acerca dos comportamentos femininos, como o questionamento à virgindade ou ao valor dado ao casamento, o medo de “perder o nome” e “ficar falada” era constante na vida dessas mulheres, mesmo vivendo em décadas diferentes. Estudando mais profundamente a tese da autora citada acima, encontramos outros elementos como, por exemplo, que havia um sistema de normas e regras que definia as consequências para uma moça que perdesse a virgindade:

Muitos namorados ou noivos rompiam o compromisso após conseguir manter relações sexuais, supondo que a mulher havia tido experiências anteriores, não sendo adequada para tornar-se sua esposa. (VASCONCELOS, 2006, p 32).

Esse é o caso de uma das entrevistadas, a senhora Jovita (2022), que confidenciou que uma amiga teve que buscar um marido em outra cidade, já que não era mais virgem e era considerada muito falada na cidade. Vasconcelos faz uma consideração que além de ser virgem, era preciso demonstrá-lo, isso estava ligado ao comportamento das mulheres dentro e fora dos ambientes que elas frequentavam, assim, precisava se portar como uma “verdadeira dama”:

O comportamento exigido para ser uma “moça de família” era, entre outras coisas, o de obedecer aos horários e frequentar locais estabelecidos pelos pais, usar roupas “decentes”, ser prendada e, acima de tudo, virgem. Desta maneira, essas mulheres correspondiam à imagem da “santa” (VASCONCELOS, 2006 p 34).

Segundo Vasconcelos: “as fronteiras entre ser uma ‘moça de família’ e uma ‘moça falada’ não eram tão rígidas.” É perceptível que essas mulheres estão sempre vigiadas e qualquer deslize pode tornar-se motivo para falação, mas mesmo sob o olhar vigilante dos pais e da comunidade, elas poderiam transgredir fronteiras normativas, vivendo experiências sem estarem atreladas a estas normas. Aprofundarei mais adiante essas transgressões, a partir de alguns exemplos, como o que se segue. Uma das entrevistadas afirmou em seu relato que, mesmo sob o olhar dos pais e vizinhos apareceu grávida, um verdadeiro choque para a família que teve de tomar medidas severas mudando a vida dessa jovem para sempre. Esse episódio

revela o quanto as mulheres conseguiram construir resistências, mesmo diante da vigilância e da dificuldade de viver uma experiência fora dos códigos normativos.

Mais uma visão estereotipada sobre a mulher que é bastante marcante está relacionada ao pensamento que ela precisa se casar e ser mãe. Isso acaba acarretando em muitas o medo de ficarem solteiras, de sofrerem preconceito, tanto da sociedade em que vivem, como da própria família, pois quando não se casam se tornam as famosas “solteironas” ou aquela que “ficou para titia”, vistas como mulheres solitárias e infelizes. Nessa perspectiva o homem é colocando como o único responsável pela felicidade da mulher e que sem ele a mesma será incompleta e infeliz. De acordo com Claudia Maia:

Se as hierarquias de gênero produziram as mulheres como o ‘outro’, o sujeito inferiorizado, as ‘solteironas’ surgiram como mulheres ainda mais inferiorizadas, já que numa ‘escala’ que define/ classifica/ qualifica mulheres, construída pela representação de gênero, elas estão em último lugar, pois não possuem os elementos que constituem a ‘verdadeira mulher’ e que as tomam inteligíveis dentro do código patriarcal. (MAIA, 2011, p. 61).

Segundo Cláudia Maia, em seu trabalho *A invenção da solteirona*, a mulher que optasse por ser celibatária seria vista como um elemento desestabilizador da sociedade, pois sairia da ordem normal, gerando medo:

Um elemento desestabilizador - pois, não, apenas recusava os novos papéis destinados a elas (como mães e esposas), mas, também criavam condições de se constituírem em ‘indivíduo’ para pleitear, de forma mais livre, os espaços de trabalhos e para governar a si mesmo e a seus próprios bens: além disso, elas se tornavam exemplos visíveis das possibilidades de existências e de felicidade fora das relações conjugais. As mulheres celibatárias emergiram, assim como uma figura indesejada, incapazes de converter-se na ‘verdadeira mulher’. (MAIA, 2011, p. 61)

Em uma sociedade que considera que a mulher perfeita é a mãe, esposa e cuidadora do lar, tudo que fuja do tido como “normal” é visto como ameaçador, então a mulher quando não está dentro desses padrões será chamada, de forma pejorativa, de “solteirona”, termo utilizado para as celibatárias que não desejavam construir laços matrimônias. “As solteironas são definidas, frequentemente na historiografia, como mulheres que alcançavam idade de 35 anos ou mais, sem se casar.” (MAIA, 2011, p. 62). Estas mulheres eram filhas e não tinham o título de esposas, eram tias de seus sobrinhos e não mães. Cláudia Maia (2011) em sua pesquisa mostra que a família estava centralizada em homens e mulheres, no modelo heteronormativo,

por sua vez as mulheres foram sendo estigmatizadas quando solteiras, pois o casamento vai tornando-se cada vez mais uma obrigação das mulheres.

Para compreender a “invenção da solteirona” a autora vai discutir a conjugalidade moderna e o amor romântico no Brasil, especialmente após a proclamação da República. Para viver esse amor era preciso fugir do olhar atento e vigilante dos pais, porém mesmo diante de tanto controle as moças poderiam experimentar meios para isso, como aponta Cláudia Maia:

É o caso dos bailes, muitos dos quais organizados para proporcionar o encontro ‘por acaso’ dos pares, as horas dançantes, o escurinho do cinema, o passeio na praça a as apresentações de seresta, mas característicos no interior (MAIA, 2011, p.145).

Os momentos religiosos como as rezas de São Cosme e Damião, bastante presentes nas comunidades rurais, aparecem nas entrevistas como possibilidade de lazer, as moças gostavam desses momentos, pois poderiam viver novas experiências, percebe-se que existia um ideal de amor, o “amor romântico”, discutido por Maia, que as deixava vulneráveis a serem seduzidas por homens que se diziam apaixonados.

Nessa perspectiva, é de fundamental importância falar sobre a heterossexualidade compulsória, discutida no artigo da historiadora Tânia Navarro Swain “Desfazendo o ‘natural’: a heterossexualidade compulsória e o continuum lesbiano”:

As mulheres são, assim, através das pedagogias sociais múltiplas, persuadidas e inseridas em redes representacionais que lhes conferem sentido social apenas ao realizarem seu “destino de mulher”: a procriação em uma relação afetiva e socioeconômica com um homem, uma relação que se baseia e funciona a partir do sexo e da sexualidade reprodutiva, ou seja, da heterossexualidade compulsória. (NAVARRO- SWAIN, 2010, p. 47).

Essa questão abre espaço para as formas de violências contra a mulher e seu corpo, a mulher é dona do próprio corpo e de suas ações necessariamente ela não precisa estar em um relacionamento heteronormativo para ser feliz e realizada, baseada do que se diz ser normal em sociedade.

A heterossexualidade é, da mesma forma, politicamente compulsória, o que significa um intenso processo de convencimento cultural em políticas familiares e educacionais ou a imposição pela coerção de normas de submissão e devoção ao masculino, construindo-o de forma imperiosa como definidor da divisão de trabalho, remuneração e importâncias social. (NAVARRO- SWAIN, 2010, p. 47).

A heterossexualidade constrói, segundo a autora, um domínio do corpo, da mão de obra da mulher, pois as mulheres têm ‘função reprodutora’ o que as liga diretamente ao seu corpo e seu sexo, é como se a mulher foi feita para ser mãe e para o casamento.

Assim, relegando as mulheres a um destino biológico de ‘matriz’ a serem fecundados, os homens reservam para si o papel de agente da sexualidade e da reprodução, relação perpetuada na heterossexualidade compulsória. (NAVARRO, 2010, p. 48).

Quando existe uma naturalização da própria heterossexualidade, da diferença de gênero que vai construindo estratégias no dispositivo amoroso feminino ligado à maternidade: “a maternidade compõe, dessa forma, a ‘natureza’ feminina, completa pela companhia de um homem, que dá a essas mulheres presença, existências, força, vida e status.” (NAVARRO-SWAIN, 2010, p. 49).

Esse discurso evidencia o perigo da aceitação de situações abusivas e muitas vezes violentas presentes nas relações matrimônias, muitas mulheres são submetidas a essas situações, pelo fato de terem a obrigação de vivenciar a maternidade dentro dessa sociedade machista e patriarcal, sendo que aquela que optar por estar sozinha é vista como histérica, mau vista pela comunidade, acarretando em muitos casos depressão, pois “se não cumprem seu destino biológico” nunca serão “verdadeiras mulheres”. Dentro da lógica da heterossexualidade as coisas giram em torno do homem e de suas necessidades:

As mulheres são, assim, através das pedagogias múltiplas, persuadidas e inseridas em redes representacionais que lhes conferem sentido social apenas ao realizarem ser ‘destino de mulher’: a procriação em uma relação afetiva e socioeconômica com um homem. (NAVARRO-SWAIN, 2010, p. 50).

Carla Bassanezi em seu artigo “Revista Feminina e o ideal de felicidade conjugal (1945-1964)” no qual analisa revistas femininas que direcionava como seria o papel da mulher dentro do casamento, distinguiu os direitos e atribuições nas relações de gênero: “o casamento define direitos e atribuições com relação aos gêneros traduzidos, frequentemente, em desigualdades e dominação do feminino pelo masculino.”(1996, p. 115)

Sempre era de bom tom que as responsabilidades dos trabalhos domésticos ficassem a cargo da mulher, e ao homem os trabalhos “fora de casa”, é preciso abrir um parêntese para uma questão de classe e raça aqui referente ao sexo feminino. As mulheres que poderiam ficar em casa cuidando do lar e dos filhos eram mulheres brancas e privilegiadas economicamente, pois as mulheres de baixo poder econômico, muitas vezes negras, desde muito cedo tinham que ganhar seu sustento, tendo que sair para trabalhar, esta é a realidade de muitas das mulheres entrevistadas nesta pesquisa; esse será um tema abordado com mais profundidade nos próximos tópicos.

Ainda, dialogando com Bassanezi e seus estudos, no “casamento perfeito” que aparecem das revistas, o homem, neste caso o ‘marido’, se assumisse alguma obrigação dentro de casa estaria fazendo um favor para mulher, assim como a mulher não tinha obrigações de colaborar com questões financeiras, isso sequer era cogitado, pois mexeria com o ego masculino. Volto a fazer um parêntese, quando a mulher não pode sair para trabalhar, quando não ajuda nas despesas do orçamento familiar, a mesma ficaria refém do marido, o que implica em uma vulnerabilidade, pois estas esposas precisam em determinados casos se submeter a humilhações, violências, o que nos remete mais uma vez ao trabalho de Tânia Navarro sobre a heterossexualidade compulsória, a dominação do sexo masculino sobre o feminino nas relações conjugais.

Bassanezi nos mostra que as revistas femininas reforçam esse processo de dominação de gênero, pois existe “um claro sentido de desigualdade de gênero’ que levará uma hierarquia de poderes da sociedade conjugal onde o polo dominante é o masculino” (1996, p. 118).

Para uma análise dos processos de dominação que envolvem mulheres brasileiras não poderia deixar de fora a autora Lélia Gonzáles, pois ao falar dessa dominação do sexo masculino sobre o feminino, além de todos os estereótipos discutidos anteriormente, a mulher negra sofre uma dupla vulnerabilidade, por ser mulher e negra. Em suas vivências os estereótipos construídos sobre elas são marcados pelo racismo e o sexismo, sistemas enraizados em nossa sociedade desde o período da escravização dos povos africanos em terras brasileiras entre o século XVI e XVIII:

Para nós o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira. Nesse sentido, veremos que sua articulação com o sexismo produz efeito violento sobre a mulher negra, em particular” (GONZÁLES, 1984, p. 224).

Segundo Gonzáles a mulher negra foi aprisionada nos estereótipos da mulata, da doméstica e da mãe preta dentro da sociedade brasileira, sofrendo inúmeros preconceitos por ser mulher, por ser negra, por ser pobre. Quando falamos da mulher negra recai sobre ela o estereótipo de símbolo sexual, o que remete à dominação do senhor nos tempos da escravidão, este corpo é dominado por ser negro e por ser feminino. A mulher negra é vista como se ainda fosse a mucama, que trabalha arduamente e é sujeita a violências tanto físicas como sexuais. “Quanto a doméstica, ela nada mais é do que a mucama permitida, a prestação de bens e serviços, ou seja, o burro de carga que carrega sua família, e a dos outros nas costas” (GONZÁLES, 1984 p. 230). No decorrer deste trabalho vamos ver o quanto algumas

mulheres entrevistadas, que moravam na zona rural, sofreram para poder estudar na cidade, para isso precisaram se submeter ao trabalho doméstico em troca de casa e comida. E o que chama a atenção é que todas essas mulheres eram negras, muitas vivenciaram violências físicas, assédio e foram colocadas em situações de constrangimentos e humilhações.

As mulheres de Dom Macedo e a luta pelo direito aos estudos

A principal fonte deste trabalho são relatos orais, eles não estão sendo usados para comprovar verdades absolutas da história, mas como um instrumento de análise dos contextos histórico e social que estas mulheres viveram e vivem para entender a história através dos olhares e vivências delas. Segundo Vasconcelos (2022), no artigo “A aprendizagem da escuta como insurgência epistêmica a partir das narrativas de uma mulher do sertão baiano”, as fontes orais se constituem como uma possibilidade de adentrar um universo muito pouco conhecido, especialmente quando a/o pesquisadores/a opta por trazer a vida de pessoas historicamente excluídos dos cânones historiográficos”. O texto de Mário Sérgio Deina (2019) sobre fontes orais faz a seguinte colocação:

A oralidade, assim como os demais tipos de fontes aceitos pelas escolas historiográficas, não pode ser usada de forma aleatória ou indiscriminada, como se pudesse ser considerada verdade absoluta em qualquer circunstância. Assim como em fonte documentais ou outras, a fonte oral necessariamente precisa ser submetida ao rigor científico, para que, de sua análise se possa extrair a informação que se busca, com a máxima precisão possível. (DEINA, 2019, p. 04).

Diante desse breve esclarecimento neste estudo foram pesquisadas oito mulheres moradoras da cidade de Dom Macedo Costa-BA, das quais sete concederam entrevistas e serão divulgados seus verdadeiros nomes, e uma disponibilizou um relato escrito à mão por se sentir mais confortável desta forma (será usando o nome fictício Manuela). Trechos do seu relato será usado durante o desenvolvimento do trabalho. Todas elas são oriundas da classe baixa e passaram a vida e a juventude em comunidades rurais de Dom Macedo Costa, onde desde cedo precisaram lutar e vencer preconceitos para conseguir sobreviver.

A primeira luta dessas mulheres foi o direito ao estudo. A mais velha do grupo é a senhora Jovita de 78 anos, viúva e mãe de quatro filhos, mulher negra e dona de casa aposentada, reside no Povoado do Ponto Chique, uma comunidade rural do município. Ela relata que não tinha material para estudar e dividia uma cartilha com uma irmã que fazia as

atividades e depois apagava para que a outra pudesse estudar, não existia escola e a professora dava aula em sua própria casa, quando a professora se casou as crianças não tinham mais onde estudar, por esta razão ela não continuou com os estudos.

Sessenta anos depois mulheres dessa mesma comunidade enfrentavam essa dificuldade para poder estudar, é o caso da senhora Silvana, de 48 anos, casada e mãe de dois filhos, mulher negra e atualmente professora concursada no município, trabalha em outra cidade com a mesma atividade, em sua entrevista, realizada em 24 de abril de 2022 ela conta: “comecei a estudar a partir dos 8 anos de idade porque na minha época não tinha escola para menores, com muita dificuldade e por morar no campo, eu comecei a estudar com oito anos.” (SILVANA, 2022). A mesma conta que quando chegou na 5º série foi o momento que mais teve dificuldade pelo fato de morar na zona rural e ter que se deslocar até a cidade, pois como não tinha transporte teria que ir caminhando. Esse também foi o caso da senhora Sueli, de 47 anos, viúva e mãe de dois filhos, dona de casa que atualmente mora na cidade, em sua entrevista em 21 de agosto de 2022 quando questionada sobre sua infância e seus estudos ela compartilhar que: “sim muitas dificuldades, principalmente por falta de locomoção para a escola e a falta de dinheiro para as matérias. Meus pais me ajudavam em que eles podiam, mais era muito difícil.” (SUELI, 2022).

Seguindo essa mesma linha outra entrevistada, a senhora Cosmelina, de 48 anos, casada, concursada como agente de saúde, mãe de duas meninas, nasceu e se criou no povoado Ponto Chique. Em sua entrevista no dia 26 de agosto de 2022 ela comenta a mesma dificuldade das outras entrevistadas:

A maior dificuldade ao estudo foi à trajetória porque hoje tem ônibus né, transporte para carregar os alunos e naquela época não tinha nada então à gente tem que ir debaixo de chuva né caminho cheio de mato e quando chegar vai de tarde que soltava do colégio a gente ia embora e no caminho a gente só ouvia o sapo cantar e os grilos, mas mesmo com toda essa dificuldade a gente tinha prazer de estudar estudava com alegria, não perdi nenhum ano (COSMELINA, 2022).

O que chama a atenção é o fato dessas mulheres ainda meninas terem de voltar quase a noite para casa sendo expostas ao perigo, tempos depois já na década de 90 foi colocado um carro para transportar esses alunos, em sua maioria meninas, porém como as estradas eram ruins no meio do caminho tinha que voltar a pé, como conta nossa entrevistada com nome fictício Manuela de 45 anos, casada, mãe de três filhos, atualmente trabalha como merendeira

e iniciou o curso de pedagogia. O relato da senhora Manuela estará em muitos outros momentos do desenvolvimento da pesquisa.

Além das entrevistadas acima temos a senhora Nilma, de 36 anos, mãe de um menino, casada e atualmente fazendo Doutorado em Língua Portuguesa pela UNEB campus I em Salvador, ela mora na zona urbana da cidade com seu marido e filho, onde é concursada como professora, no seu caso a dificuldade foi continuar os estudos depois de formada, pois ela não precisaria somente sair da zona rural para estudar e sim ter que ir para outra cidade, como nos conta em sua entrevista em 23 de agosto de 2022.

O problema surgiu quando precisei ir para outro município para fazer cursinho e posteriormente cursar a faculdade. Quanto ao cursinho eles (ela se refere aos seus pais) não tinham dinheiro para custear curso, nem o transporte. Quanto à faculdade os problemas eram transporte, alimentação e material (*xerox*). Precisei conseguir um trabalho no contra turno para dar conta dessas despesas. (NILMA, 2022)

As entrevistadas Ana Paula de 30 anos, solteira, sem filho e fazendo sua segunda graduação em Letras com Espanhol e Marijane, também com 30 anos, cursando sua segunda graduação na área da educação, vivendo em união estável e grávida, ambas se intitulam negras, enfrentaram dificuldade para o estudo inicialmente por morarem na zona rural e terem que ir para a cidade.

Considero importante saber um pouco da história dessas mulheres para se entender alguns episódios vivenciados por elas, e como suas vidas foram atreladas a estereótipos de comportamento que precisariam seguir algumas regras impostas, acarretando um controle de seus corpos e de suas ações. Mesmo diante de olhares e vigilâncias, muitas delas ainda que sutilmente, conseguiram se permitir viver e experienciar rompimentos com a norma. Todas essas mulheres, com exceção da senhora Jovita, conseguiram terminar seus estudos e avançaram em direção a conquista de uma liberdade intelectual e financeira. Apesar da senhora Jovita não ter conseguido terminar os estudos, percebo que em muitos momentos ela lutou contra normas e estereótipos, principalmente em seu casamento. As demais, mediante a tantas dificuldades terminaram e avançaram em seus estudos mesmo que em períodos e tempos mais longos uma das outras. Seus estudos que lhes proporcionaria uma liberdade intelectual e financeira, uma forma de resistir, de conseguir sair das margens, de não apenas cuidar do lar e dos filhos, de não ser criada apenas para serem esposas elas poderiam ser mais que isso, poderia ser esposa, mães e também ter uma profissão e sua independência.

“Mulher tem de se valer pelo nome”: controle da sexualidade e do comportamento das mulheres de Dom Macedo Costa

As mulheres vêm lutando por igualdade de gênero, por liberdade de seus corpos que são vigiados e controlados por uma sociedade preconceituosa, machista, patriarcal e violenta quando se trata de mulheres. Quando fazemos um recorte para uma cidade do interior da Bahia com menos de seis mil habitantes e trabalhamos com mulheres residentes na zona rural ou que viveram muitos anos em comunidades rurais, em sua grande maioria negras, que desde cedo tiveram que enfrentar dificuldades para sobreviver, percebemos como elas precisam seguir à risca os comandos que a sociedade lhes impõe, e como os estereótipos citados anteriormente operam sobre suas vidas, reforçando preconceitos e definindo um modelo do que é “ser mulher”.

Em uma cidade pequena onde todo mundo se conhece era muito comum que as “moças” tivessem que zelar pelo nome, pois a reputação era seu passaporte para o casamento, pensamento este muito forte até a década de 1990, como demonstrarei ao longo do texto. Mulher que fosse falada não era considerada “direita” e nem correspondia aos critérios para ser digna de um bom marido, então desde muito cedo essas mulheres precisavam controlar suas atitudes para não “perder seu nome”. Percebe-se que nos dias atuais ainda permanece o sentido da valorização da reputação da mulher, porém a vigilância e o controle principalmente por parte da comunidade já não são tão rígidos e elas podem cada vez mais desempenhar papéis que antes não eram considerados adequados para uma mulher.

Esse controle dos comportamentos femininos apareceu em várias entrevistas feitas com mulheres de Dom Macedo Costa. A senhora Cosmelina em uma das suas falas afirmou: “meus pais me orientavam muito a respeito do comportamento, orientava que tinha que ser filha de família para não ser falada pelas pessoas” (Entrevista em 26 de agosto de 2022). Outra entrevistada, Silvana, também relembra a preocupação da família acerca do seu comportamento: “minha mãe sempre dava conselho ‘ó, olha o comportamento, porque a mulher tem de se valer pelo nome’” (Entrevista com Silvana, em 24 de abril de 2022).

A partir das narrativas das entrevistadas da sua pesquisa, Vânia Vasconcelos afirma: “ficar perdida significa para a mulher, ser abandonada à própria sorte, não tendo mais chance de exercer o seu papel social de constituir uma família” (2006). Por esta razão havia uma grande preocupação dos pais, para controlarem o comportamento das filhas, lhes dando conselhos para as elas tivessem um bom comportamento e não colocarem em risco seu nome

e sua reputação. É preciso chamar atenção para algo, a questão do nome da mulher e sua associação com a família revela que esta, ao carregar o sobrenome do pai, teria que preservá-lo, pois se seu nome ficasse “na rua”, “na lama”, “perdido”, mexeria com a honra do progenitor, uma figura masculina que não poderia admitir tamanha humilhação.

A questão da virgindade será um importante tema a ser desenvolvido ao longo do artigo, identificamos muito similaridade entre os registros de Vasconcelos e dos depoimentos das entrevistadas desta pesquisa, percebe-se um padrão de comportamento das mulheres que em sua educação, seus pais e principalmente suas mães reforçavam o lugar que elas deveriam ficar e agir dentro da sociedade. Marijane, (15 de agosto de 2022) ressalta que as pessoas da comunidade olham principalmente para o vestuário, pois roupa curta não era adequada para uma moça de família, e esse controle não era somente dos pais, mas da própria comunidade, que estava com olhos vigilantes a cada passo dessas mulheres, como conta a Senhora Jovita: “os povo falava se a moça fosse namoradeira, fosse muita namoradeira aí o pessoal batia a língua em cima”.

Comecei a sair com meus irmãos e alguns vizinhos de confiança deles. Naquele tempo, as meninas adolescentes eram bastante olhadas tanto pelos pais, irmãos mais velhos e os povos da comunidade” (MANUELA, 2022).

A gente não tinha nada disso, quando a gente entrava no brinqueado de roda dançava com todo mundo, tirava verso direito não trocava ideias com ninguém à gente toda vida foi criada assim. (JOVITA, 2022)

Percebemos claramente o quanto essas mulheres eram controladas, a senhora Manuela começar a sair para espaços de diversão, mas tinha sempre que ter uma figura masculina, no caso seus irmãos e vizinhos de confiança, pois assim não daria margem, para falatório. Analisando o comentário da senhora Jovita percebe-se a prática das festas que era chamada de brinqueado, de roda. Ela e as amigas aproveitam as diversões, mas ela faz questão de enfatizar que tudo era na “base do respeito”, reforçando que mesmo que uma moça saísse da casa tinha que manter sua reputação. Seja em seu comportamento em público, sua forma de vestir, uma mulher podia ser rotulada como inapropriada para o casamento, pois estas moças tinham que se casar e para isso precisavam ser aceitas pelo futuro esposo, precisavam manter sua pureza, que nesse caso era representada pela virgindade, a mulher que ficasse falada, poderia ter sua reputação destruída e assim ter dificuldades para se casar, como conta a Senhora Jovita novamente:

Elas ficaram na boca do povo pelo jeito de agir, ela foi achar um homem em Salvador é porque ela foi embora aqui os rapazes nenhum queria, achava **ela**

pra frente, ela estava como se lá se diz, se pode **falar brocada**”(JOVITA, 2022)

Aqui ela se refere a uma amiga que “caiu na boca do povo”, esse termo “brocada” é uma forma de afirmar que a moça em questão não era mais virgem e para se casar foi preciso ir para outra cidade, o que era orientado para essas mulheres reforça esse controle de comportamento. Porém, mais uma vez em diálogo com a pesquisa de Vasconcelos (2006) percebo aqui algumas mudanças: “nem sempre as moças de família obedeciam às regras estabelecidas, ou as moças faladas faziam tudo o que se dizia delas”. O termo “pra frente”, nesse caso, mostra uma mulher que os seus atos eram considerados “além do seu tempo”, do permitido, do que era considerado correto, o que teve como consequência muitos comentários sobre ela na cidade.

Importante refletir aqui que tivemos acesso a essa história através do olhar da nossa entrevistada, a senhora Jovita. Ao narrar sua história ela também revela algumas pequenas rebeldias, como por exemplo ter se recusado a casar-se com o pretendente escolhido pela família. Atualmente ela tem 78 anos, tendo se casado aos 24, idade considerada inadequada no contexto da época, uma mulher com essa idade já seria considerada uma “coroa”, ela não foi uma “moça falada” como sua amiga citada acima, mas, dentro das suas possibilidades impôs suas vontades.

Segundo Sueli, de 47 anos, casada por mais de vinte cinco anos e agora viúva afirma: “a moça tinha que casar virgem e ser muito comportada”, outra entrevistada, Nilma, de 36 anos, diz em sua fala que era ensinado para ela, no período da adolescência, que não deveria ter relações sexuais antes do casamento, além disso, tinha outros controles como: “não poder namorar qualquer rapaz, precisaria ser aceito pela família e principalmente não deveria andar com pessoas que eram ‘mal faladas’”. A senhora Cosmelina (2022) afirma que também teve esses ensinamentos: “meus pais me orientavam muito a respeito do comportamento, não ficar falada pelas pessoas”. A senhora Silvana (2022) conta que quando começou a sair de casa, recebia esse conselho da mãe “oh, olha o comportamento porque a mulher tem de se valer pelo nome”.

Essas mulheres recebiam esses conselhos das mães que um dia receberam das suas mães também, mas diante de tantos olhares elas sempre encontravam alguma brecha para vivenciarem experiências longe dos olhares vigilantes, a respeito disso temos o relato de Manuela, de 45 anos:

Mesmo que tantos cuidados dos meus pais, quando eu tinha 12 para 13 anos, foram a uma reza de São Cosme e Damião e fui eu encontrar com um

menino que eu gostava no fundo da casa da dona da reza. Esse foi meu primeiro beijo. (MANUELA, 2022)

Nas comunidades rurais de Dom Macedo era muito comum que a oportunidade que as jovens moças tinham para se divertir eram as rezas, momento em que vinham toda a vizinhança e pessoas de longe. Dona Jovita promove essas rezas há muitos anos, atualmente ela só faz o caruru, mais há um tempo fazia reza para muitas pessoas. Além disso, era muito comum a brincadeira de amigas secretas no final do ano, que era outra oportunidade para essas jovens terem um pouco de liberdade e fugirem dos olhares.

Abaixo temos a imagem de uma “amiga secreta”, realizada na casa da Senhora Cosmelina e que reunia muitas pessoas da comunidade, principalmente moças e rapazes:



Fonte: Fotografia (23 de Dezembro de 1995)

A foto mostra que o evento em questão deixava a sala da residência totalmente cheia, de acordo com a entrevistada se colocava música na radiola e os/as convidados/as poderiam dançar e trocar olhares sem levantar suspeitas, nesses momentos geralmente os pais estavam

distraídos, as moças poderia dar uma escapulida da vigilância constante e muitas aproveitavam para dar seus primeiros beijos. Uma análise mais aprofundada no perfil das pessoas da imagem, a predominância de pessoas negras e jovens e a quantidades de mulheres é consideravelmente maior que de homens.

As fontes mostram que, além das rezas e o ritual de “amigas secretas” de final de ano, as missas aos domingos também eram uma oportunidade das moças verem seus pretendentes e fugirem um pouco da vigilância. Manuela (2022) nos conta em seu relato que começou um namoro em uma dessas rezas que ia com a mãe: “daí começamos a namorar, a nos ver nas rezas na igreja que eu ia com a minha mãe e as vizinhas daqui, dava uma roubadinha e ia namorar escondida”. Esse namoro era escondido e não tinha aprovação dos pais. Em seu relato, a entrevistada diz que ao completar 15 anos começou outro namoro escondido, com um rapaz de quem gostava muito, porém, ele era muito “mulherengo” e ela fez uma carta terminando tudo. No seu tempo de adolescência na década de 90 era comum haver trocas de cartas entre os namorados, ela ainda conta que teve seu primeiro namorado em casa com um rapaz que tinha conhecido em uma reza na casa da vizinho, o rapaz pediu a mão ao pai, com a aprovação do namoro ela estava em um namoro sério.

Manuela era a única filha de um casal com quatro filhos, seus irmãos mais velhos ajudava o pai a vigiá-la, mas mesmo assim ela conseguia se desviar e arrumar namoradinhos. Como onde ela morava não tinha muitas festas, pois as que tinham eram na cidade, seus pais não a deixavam ir, então suas fugas eram nesses momentos de ida a igreja e rezas, que eram bastantes constantes nas comunidades rurais.

Nesse contexto, era muito comum que as mulheres só pudessem namorar com a aprovação dos pais. Dona Jovita nos conta em sua entrevista que teve a mão “pedida ao seu pai” para casar-se, entretanto, antes disso sua mãe queria que ela se casasse com um rapaz de sua escolha. Ela se opôs para garantir a própria escolha, a partir dos seus critérios: “não quero qualquer um não mãe, não quero homem que bebe, homem que joga, eu vou querer lá nenhum jogador, nem beberrão não quero não senhor!” Ela manteve sua palavra e não se casou com o pretendente que a mãe achava ser o melhor, aqui mais uma vez percebemos mudanças, pois a senhora Jovita impôs sua escolha ao escolher o marido, porém, quando ela resolve se casar a autorização final tinha de vir do pai, autoridade maior dentro do seio familiar.



Fonte: Fotografia (Dezembro de 1996)

Em um dos poucos registros de Dona Jovita com o marido, o senhor Dequinho, como era chamado (máquina fotográfica era um artigo de luxo e só as famílias com melhores condições econômicas possuíam), ela afirma ter vivido uma vida boa ao lado dele. Percebe-se na imagem que, enquanto ela está na cozinha preparando algo, provavelmente para o casal comer, ele está na sala da casa pronto para experimentar um vinho. A imagem de um casal aparentemente feliz em sua vida simples de uma comunidade rural, mas o que chama atenção é como ela faz questão de afirmar o quanto o marido era um “homem bom”, já que nunca foi violento com ela, havendo assim uma naturalização da violência doméstica:

Graças a Deus não, nunca me deu um grito que ele nunca me deu um empurrão se me fizesse uma raiva, melhor está me pedindo desculpa, na hora

da raiva falava alguma coisa depois se arrependia e pedia desculpa, nunca mim deu um beliscão ou fez algo ruim. (JOVITA, 2022)

Ela ainda volta a dizer: “graças a Deus nunca colocou a mão em eu, ou me reclamou por outras coisas”. Na sua relação matrimonial de mais de 40 anos ela tinha em conta que seu marido era bom por não ser violento, (o que poderia deixar subentendido que a violência domestica em seu contexto era algo vivenciado por outras mulheres), que sempre pedia desculpa quando falava algo que a ofendia, que jamais lhe encostou a mão, mais isso é um dever do marido? Ser gentil com a esposa e não violento ou a senhora Jovita foi uma mulher de sorte de ter encontrado um marido assim? Todavia vale salientar que a vida a dois no contexto que dona Jovita vivem há décadas atrás não era muito comentada e que praticas de violências aconteciam. Só a partir da criação da Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006) ira definir que a violência domestica é crime, rompendo com essa naturalização da violência domestica nas relações matrimônias, fazendo com que muitas dessas mulheres fossem entender que estavam passando pelo quadro de violência domestica que antes era naturalizado nas relações.

Ainda dialogando com a entrevista da senhora Jovita, ao longo das suas falas ela se mostrou uma mulher forte e decidida, mostrando que dentro do seu casamento as suas vontades e decisões eram ouvidas e cumpridas. Mesmo que o marido não quisesse sair de casa para algum evento ela iria sem ele: “e eu pegava minha filha pequena colocava na cacunda e ia pro samba. E ele nunca me disse nada, eu ia pra missa, quando chegava ele já tinha aquecido comida, feito arroz”.

Mais uma vez aparece aqui algumas mudanças dentro desse comportamento nas relações matrimônias, uma mulher saindo sem seu marido, ele preparando a refeição para quando a mulher chegar, mesmo que seja algo simples, já se nota um avanço dentro desse controle das ações das mulheres dentro do casamento.

A senhora Jovita pôde escolher o marido, porém, essas escolhas tinham limite, especialmente para as mulheres que engravidavam. Nesses casos não existia a possibilidade de escolha, elas tinham que se casar com o pai da criança para “limpar o nome” e a honra da família. A honra implica em vários valores sobre os indivíduos, Fabíola Rohden, em seu texto “Para que serve o conceito de honra, ainda hoje?” aponta que:

Honra neste sentido é o valor que uma pessoa tem aos seus olhos e aos olhos da sociedade, por meio da conformação a determinadas formas de conduta. É

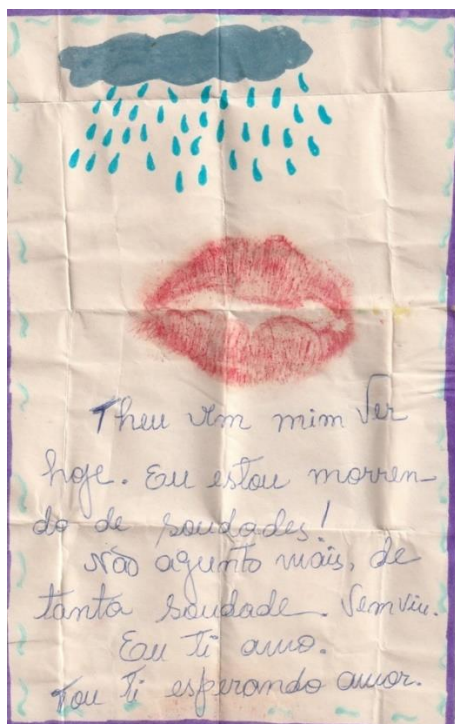
uma reclamação pessoal de orgulho e também a aceitação do direito ao orgulho. (ROHDEN, 2006. p 105).

É à mulher que cabe manter a honra da família, quando ela é considerada perdida, sem honra, a vergonha recai sobre a figura masculina e o seio familiar, acarretando um peso sobre a responsabilidade desta perda da honra da família inteiramente à mulher. O que foi o caso do relato de Manuela que se casou devido uma gravidez antes do casamento.

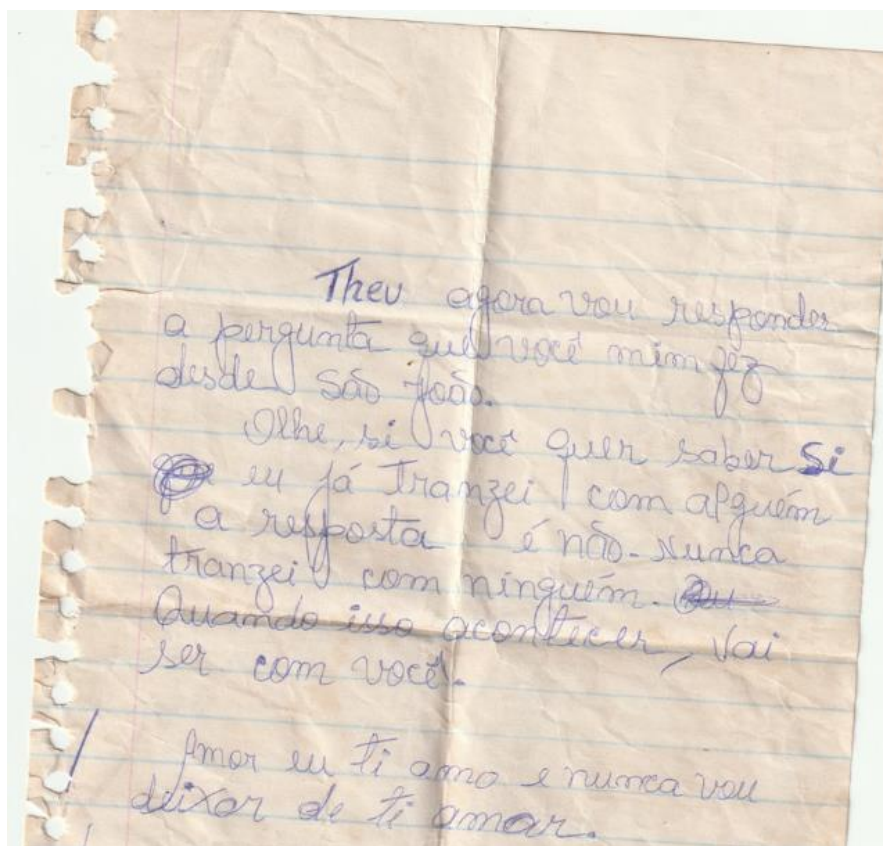
Meus pais ficavam na sala, me vigiando o tempo todo e o horário dele sair era às 9 da noite, mesmo com tanta vigilância apareci grávida. Foi uma confusão. Meu pai disse que tinha de casar, meu namorado disse que não ia casar que só ia morar juntos. Depois de tanta luta casamos no civil em setembro de 1995, em 1996 nasceu meu primeiro filho. (MANUELA, 2022).

Como dito anteriormente, nessa sociedade a virgindade feminina era crucial para a garantia do casamento, então para Manuela era preciso casar-se, já que além de não ser mais virgem, seu ato resultou em uma gravidez. Definitivamente, nesse caso, ela não pode escolher, precisou conter os comentários para não deixar uma mancha no nome da família, precisava se casar para se manter como “mulher direita”. Porém, percebe-se que mesmo diante do olhar severo dos pais e de toda a segurança em volta do namoro, ela saiu da linha da mulher “bela, recada e pura”, se permitindo transgredir e ir além dos padrões.

A seguir analisarei algumas cartas e bilhetes trocados entre Manuela e o namorado na época, o material não tem datas específicas, mas podemos atribuir sua produção aos anos de 1994 e 1995, que marca o período entre o namoro e o casamento de Manuela. Vou analisar algumas partes que chamam atenção para uma reflexão aprofundada:

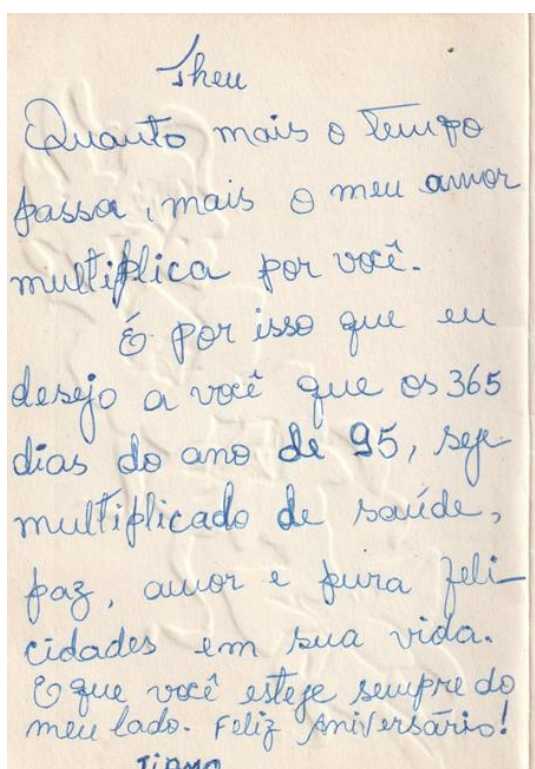


Fonte: Bilhete de Manuela para Theu 1



Fonte: Bilhete de Manuela para Theu 2

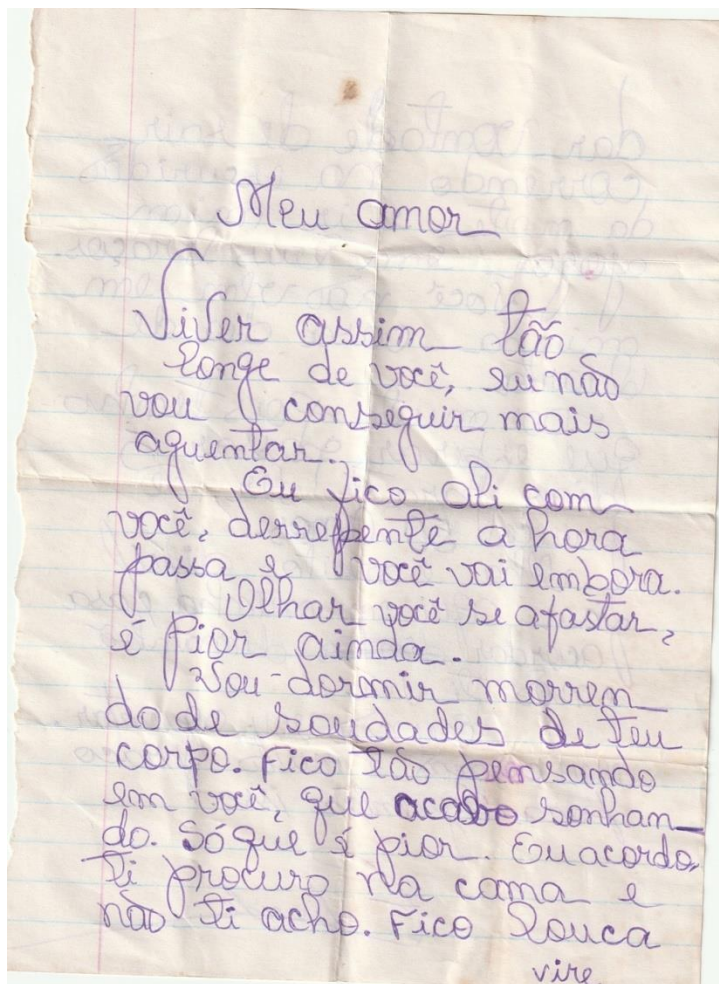
Nos dois bilhetes aqui apresentados é perceptível o quanto Manuela estava completamente apaixonada e estaria disposta a fazer qualquer coisa para manter esse relacionamento, na segunda imagem ela está respondendo a uma pergunta do namorado a respeito da sua vida sexual. Chama atenção ela está falando sobre sexo, algo proibido para as famílias e uma moça que zelasse pela sua reputação, o que indica que no relacionamento deles existia uma grande confiança por parte dela. Fica evidente que o namorado de Manuela queria saber se ela era virgem, já que a virgindade feminina na década de 90 ainda era algo importantíssimo nos relacionamentos, provavelmente ele não queria uma namorada que não fosse virgem. Ao questionar Manuela sobre sua virgindade ele exerce um controle e até certo medo, Manuela precisa afirmar que ainda é virgem e ainda afirma que quando acontecer será com ele. A virgindade é um troféu para o ego masculino e uma espécie de garantia do controle que ele terá sobre a vida e o corpo da mulher. Ao ressaltar sua virgindade Manuela evidenciam que é uma mulher boa e que merece estar no lado do seu parceiro. Esse bilhete leva a duas perguntas, até que ponto o senhor Theu ama a senhora Manuela? Até que ponto Manuela iria para provar sua pureza e honestidade? Nesse contexto a mulher o tempo todo precisa afirmar em palavras e provar em ações.



Theu
Quanto mais o tempo
passa, mais o meu amor
multiplica por você.
É por isso que eu
desejo a você que os 365
dias do ano de 95, seja
multiplicado de saúde,
faz, amor e pura feli-
cidades em sua vida.
O que você esteja sempre do
meu lado. Feliz aniversário!
TIAMO

Fonte: Bilhete de Manuela para Theu 3

Essa foi a única fonte que identifiquei uma data, se trata de um bilhete entregue em um final de ano, mais um registro que mostra o quanto Manuela era apaixonada por Theu.

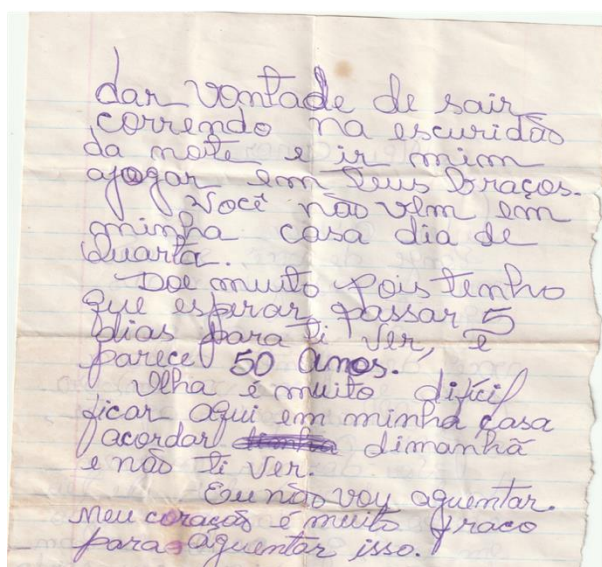


Meu amor

Saber assim tão longe de você, eu não vou conseguir mais aquecer.

Eu fico ali com você, de repente a hora passa e você vai embora. Olhar você se afastar, é pior ainda.

Sou dormir morrendo de saudades de teu corpo. Fico tão pensando em você, que acabo sonhando. Só que é pior. Eu acordo te procuro na cama e não te acho. Fico louca
vire



dar vontade de sair correndo na escuridão da noite e ir mim afogar em seus braços. Você não vem em minha casa dia de quarta.

Da muito pois tempo que esperar, passar 5 dias para te ver, e parece 50 anos.

Alta é muito difícil ficar aqui em minha casa acordar ~~de manhã~~ amanhã e não te ver.

Eu não vou aquecer. Meu coração é muito fraco para aquecer isso.

Fonte: Bilhete de Manuela para Theu 4

Nesta carta percebemos o modelo de namoro, o rapaz tinha horário para chegar e para sair, assim como tem os dias certos da semana para poder frequentar a casa da moça, uma questão é o fato de ela falar que vai morrer de saudade do “corpo dele” o que se deixa entender que eles podem ter tido uma proximidade durante o namoro, geralmente esses namoros são vigiados e a troca de carícias como beijos e abraços não aconteciam na frente dos pais, uma questão subentendida é que Manuela demonstra seus desejos e vontade e está segura do que quer e do que sente.

Meu querido amor,

Eu sei que é tão chato pra você ficar recebendo tantas cartas.

Só Deus, que depois que você saiu, eu fiquei em casa só na minha cama pensando: Eu amo tanto você, não quero te perder e fico sendo chato de mais com você.

Olha mozinho eu ti prometo, que nunca mais vou repetir aquilo que fiz. Juro a você, que não vou mais gritar com você. Olha Deus não é porque você é o pai do meu filho, que eu não quero te perder não. É porque eu ti amo de mais, é porque você é a minha vida, e sem você eu fico sem forças para viver. É porque eu preciso do calor do seu corpo, para mim manter firme.

E pra que eu ganhe isso tudo, eu preciso ser legal com você. É por isso que eu ti prometo que não vou mais gritar com você.

Olha mozinho, eu estou mim sentindo tão mal com essa barriga e por isso, eu precisava muito dos seus

VIRE

carinhos. Olha Theu, eu sei que
estar difícil pra nós arrumar
um lugar de ir. Mesmo assim,
eu quero que você saiba que esse
filho, ele é a minha felicidade
maior do mundo que você pode
mim dar. THEU, o meu amor,
eu estou tão feliz **com** esse filho
sindo, nesse. Que eu sei que
vai ser a coisa mais linda do
mundo.

THEU eu ti amo, eu ti amo.
Da vontade de eu sair gritando
isso pro mundo inteiro ouvir.

THEU o presente maior e melhor
que você mim deu até aqui, foi
o meu filho que vai nascer. O nosso
filho THEU.

EU TI AMO MARIDO.

Ass: mulher que ama o seu
marido de mais.

Fonte: Bilhete de Manuela para Theu 5

Esta carta possibilita fazer algumas reflexões, primeiro ela ficou grávida antes do casamento, já que ele foi ver ela e depois voltou pra casa, percebe-se uma grande dependência emocional da parte dela com o futuro marido, quando ela diz que para ter o carinho dele, 'precisaria ser legal com ele', isso nos faz refletir sobre até que ponto vai a vulnerabilidade dela, grávida, certamente com muitos medos na mente, mas ainda assim teria de zelar para não aborrecer o parceiro, como se todos os problemas que pudesse existir seriam por sua culpa, como mulher, e caberia a ela manter a paz. Outra questão apontada na carta é sobre a

condição econômica do casal já que Manuela demonstra preocupação sobre onde eles iriam ficar. E as preocupações dela não ficaram só nessa questão, com o passar do tempo seu marido começou a trai-la com sua própria prima:

Passei anos da minha vida sendo traída e sem acreditar. Esse tempo todo era só sofrimento, choro e tristeza. Alegria já não fazia mais parte da minha trajetória, era feliz por ter meus filhos, mas destruída por que além de me trair, saia o tempo todo só chegava para dormir e não me dava atenção, carinho, nada. (MANUELA, 2022)

Ao desenrolar do relato, Manuela conta que o marido engravidou sua própria prima e que a mesma foi até a casa do casal para contar o fato, seu marido inicialmente negou, mas foi obrigado a fazer o teste de DNA. Manuela revela: “todo amor que sentia por ele já estava se acabando e naquele dia eu vi morrer”. Mesmo diante a toda essa situação a pesquisada não se separou: “não tive coragem de largar ele porque na época eu não trabalhava e meus pais disseram que não iam dar comida a para três meninos, eu mim sentir um **lixo**”.

Nesse relato, percebemos as permanências dos processos de dominação nas relações matrimônias, a mulher fica presa em um casamento pelo fato de ser economicamente dependente do marido e não encontra apoio com seus familiares. Atualmente Manuela vive em um relacionamento sem amor e com medo, pois seu marido tem muitos ciúmes dela: “hoje ele morre de ciúmes de mim, talvez por culpa, mas vou vivendo com Deus. Amor e confiar, nunca mais, meu sofrimento hoje é por que ele fez tudo isso e hoje vive com medo de que eu faça o mesmo e me sufoca com ciúmes”.

O ciúme é uma forma de controle na relação matrimonial. Nesse caso, o marido de Manuela a controla pelo fato de pensar que ela seria capaz de trai-lo, da mesma forma que ele a traiu em muitas ocasiões, o que lhe fazia impedi-la de trabalhar fora, mas uma reviravolta aconteceu nas atitudes de Manuela: “com tudo que passei de sofrimento e ciúmes desnecessário, fui passando a gostar menos dele e ir ficando por costume. Mas daí resolvi mudar, lutar por meus objetivos e resolvi trabalhar fora”. Antes de trabalhar fora de casa Manuela já ganhava seu próprio dinheiro vendendo produtos de beleza e artesanato confeccionado por ela mesma, nesse período ela voltou a estudar e terminou seus estudos. Atualmente ela foi promovida de merendeira de uma escola estadual do município para bibliotecária e esta se graduando em pedagogia.

Mas eu consegui da a volta por cima, tive uma conquista importante em minha vida, escrevi um livro e foi publicado e minha vida mudou

completamente. Feliz na vida amorosa nunca fui, mas consegui meu objetivo de me tornar uma mulher dona de mim. (MANUELA, 2022)

É incrível ver que mesmo ainda presa a um casamento sem amor, devido questões de apego emocional, filhos, condições financeiras limitadas e o fato do marido não ter para onde ir que a impede de pedir o divórcio, Manuela vem transgredindo, ocupando seu espaço na sociedade, sendo feliz em suas conquistas profissionais, se encontrando como mulher e entendendo que sua voz também precisa ser ouvida ser dona da suas próprias escolhas e não ficar abaixo das decisões do marido, quebrando o estereótipo que esposa tem que obedecer ao marido e não seguir suas próprias vontades e escolhas.

Essas mulheres mesmo diante das dificuldades foram abrindo brechas para serem protagonistas de suas histórias, mesmo que sutilmente, desenvolvendo uma consciência do lugar e papel que a sociedade lhe coloca.

Vejo-me como uma mulher extra meu tempo, forte e capaz de chegar onde quero, hoje em dia não me importo com os dedos morais da sociedade moralista aprendi me defender. (...) Faço a historia minha baseada na história da minha mãe, mulher preta e pobre e muito guerreira, é meu exemplo de vida, tento alcançar o sucesso acadêmico e fazer minhas histórias na educação, porém ainda sim são difíceis, as pessoas não associam meu estereótipo ao sucesso, tenho que derrubar várias barreiras, mas pretendo chegar lá. (MARIJANE, 2022).

Marijane como mulher negra que passou grande parte da vida morando na zona rural, relata que sofreu com o racismo e também com o preconceito de gênero: “sou mulher e preta, sofri muito racismo e preconceito, não precisa fazer nada para se tornar alvo da sociedade moralista”. Ela ainda diz que muita coisa mudou ao longo do tempo, mas como mulher ainda percebe a imposição das tarefas domésticas para o universo feminino, principalmente quando se fala em mulheres negras.

As vivências que Marijane viveu por ser mulher, negra e pobre a fez ficar mais forte para seguir e mudar os padrões que a sociedade tinha a seu respeito, além de enfrentar dificuldades por ser mulher, ela enfrentava o fato de ser negra, essa dupla vulnerabilidade que não a fez desistir, a seu ver o melhor caminho é a educação e o poder de transformação que pode fazer nas vidas das pessoas e das mulheres.

A senhora Jovita relata em trechos de sua entrevista que desde muito cedo trabalhava em cafezais para ganhar um “tostão”. A cidade de Dom Macedo Costa é baseada principalmente em uma economia agrícola que continuou fortemente no pós-abolição, porém

práticas do trabalho forçado se perpetuaram. No artigo “Cruzamentos e memórias espeças de cultura - Dom Macedo Costa-Bahia (1930-1960) a historiadora Edinelia Maria Oliveira Souza (1999) evidencia essa questão:

Nessa área de fronteira cultural, homens e mulheres do campo - pequenos proprietários rendeiros ou meeiros - tem suas vidas marcadas pelo trabalho duro” para sua subsistência, valores costumes e atitudes expressas no movimento da uma cultura construída pelas ações e contradições presentes no viver rural (...) A vida dos trabalhadores rurais da região destacava-se pela convivências entre o arrendamento de terras e a pratica da meação nas fazendas agrícolas, em troca do trabalho do trabalho nos engenhos, nas plantação de fumo, nos cafezais, ou pela posse de pequenas propriedades. (SOUZA, 1999, p. 02) .

O tempo passou e além dos cafezais, para conseguir algo para sua subsistência ainda criança a senhora Jovita foi trabalhar na casa de uma conhecida e mais uma vez foi vítima de violência: “eu tomava conta de uma fia de Vivi, essa mulher correu atrás de mim pra me bater só porque eu barrir a casa e a vassoura encostou-se a seu pé. Eu me aborreci, juntei minhas roupinhas e voltei pra casa” (JOVITA, 2022).

Fica evidente a prática do trabalho compulsório vivido pela senhora Jovita ainda menina e mesmo assim ela conseguiu sair desse ciclo. Outras entrevistadas passaram por situações semelhantes, as vividas pela senhora Jovita.

Algumas das entrevistadas para terminar os estudos tinha que ir para a cidade para trabalhar em uma “casa de família” (geralmente pessoas que tinha uma certa condição econômica, oferecia a dormida e a comida em troca dos serviços prestados por essas jovens) para conseguir estudar. Esse foi o caso da Senhora Silvana:

Nesse momento foi que minha mãe que sempre me incentivou, meu pai, ai fiquei na casa de uma pessoa que tinha interesse em uma menina pra morar, fazer os trabalhos e ter a oportunidade de estudar, ai fiquei durante quatro anos morando nessa casa. (SILVANA, 2022).

Antes de comentar estes relatos vejamos mais um exemplo, assim como Silvana, Manuela também teve que ir para a cidade, porém, no seu caso para casa do prefeito onde outros adolescentes de outras localidades rurais vinham para poder estudar: “para dormir era um quarto muito enorme cheio de beliches e dormia meninos e meninas tudo junto”. Desse mesmo relato a mesma conta um episódio que a deixou constrangida e envergonhada: “Certa noite eu acordei com um menino que vivia no mesmo quarto que todos, me beijando, e eu fiquei muito chateada” (MANUELA, 2022) Depois ela saiu dessa casa e foi para outra onde

tinha que dormir com o filho mais novo dos donos da casa e teria de fazer os trabalhos domésticos e cuidar das filhas pequenas do casal.

Os três relatos mostram como estas mulheres foram expostas a situações de exploração, pois trabalhavam em troca de casa e comida, o que se configura em uma situação análoga à escravidão, estando vulneráveis a outros tipos de violências como o assédio. Analisando os três casos é inevitável não fazer uma conexão entre elas, considerando que são mulheres de baixo poder econômico e negras, o que lhes acarreta uma dupla ou tripla vulnerabilidade, o que nos reporta ao conceito de interseccionalidade tão bem definido por Kimberlé Crenshaw (2002), mas que já estava presente nas obras de Ângela Davis e Lélia Gonzalez, apesar de não usarem esse nome. Vemos aí os resquícios de uma sociedade escravista, com a permanência da exploração da mulher negra, as tarefas domésticas são direcionadas para as mulheres ainda presente nos dias atuais, porém no contexto social que estas jovens viviam eram a única oportunidade de algo melhor tendo seu trabalho explorado para poder terminar os estudos.

Pensamos por qual razão as três mulheres em questão foram trabalhar em “casa de família”, tendo que cuidar da casa, ser babar, cozinhar. Por qual razão, dentre tantas outras adolescentes, dentro do quarto por qual razão apenas um sofreu assédio? A mesma teve que se manter calada para ninguém saber, pelo fato que ela não poderia ficar falada na cidade. Infelizmente vemos permanências no controle dos corpos dessas mulheres quando elas têm que se submeter a condições desfavoráveis em busca de algo melhor. Vimos a impunidade do homem diante de casos de assédio, pois a mulher sempre é vista como culpada, correndo o risco de ficar falada o que era inadmissível para sociedade, mas elas, em pequenos detalhes, vão mudando suas histórias e resistindo.

Lélia Gonzáles em seu texto Racismo e sexismo na cultura Brasileira analisa que: “como todo mito, o da democracia racial oculta algo para além do que mostra. Numa primeira aproximação, constatamos que exerce sua violência simbólica de maneira especial sobre a mulher negra”. (GONZÁLES, 1984. p 228). A lei Aurea de 13 de maio de 1888 teoricamente trouxe a liberdade ao povo negro, porém a liberdade não eliminou os “estigmas” tanto da cor e do sexo da mulher negra, e o fato da mulher negra ser colocada na condição de servir, pois assim era algo natural por ser negra, uma forma de mascarar a exploração sobre seus corpos, mas isso não as inibiu de batalhar pelos seus sonhos. Sueli afirma: “em relação a dificuldade, sim, passei, principalmente na busca por emprego, pois trabalhava em troca de comida. Nunca desistir do que eu almejava, enfrentava as dificuldades com a cara e coragem, persistia e com

muita luta eu conseguia”. As mulheres entrevistadas têm em comum que todas afirmam ter batalhando bastante para conquistar seu espaço, suas coisas, tendo liberdade de escolha e quebrando paradigmas, não mais ficando estagnadas no tempo, esperando o aval do marido para realizar suas ações:

Me vejo como uma pessoa batalhadora que ainda tem muito a aprender. Penso que ainda temos muito o que aprender sobre essas questões de gênero, raça...etc, mas que antes de tudo existe uma palavra chave para essas relações: RESPEITO. Quando a sociedade aprende a respeitar teremos encontrado a solução para todos os problemas no que tange a esses aspectos. (NILMA, 2022).

O respeito é verdadeiramente a chave para quebrar estereótipos e pensamento de como as mulheres devem ou não agir, o respeito pelas suas escolhas e acima de tudo o respeito pela sua liberdade de ser mulher, independente de ser filha, esposa ou mãe.

Considerações finais

Para escrever sobre estas mulheres e trazer suas trajetórias, foi preciso manter o equilíbrio, não queria colocá-las apenas como vítimas ou que suas histórias viessem comprovar os aspectos que estava dialogando, mas para além disso, perceber e analisar suas histórias através de seu olhar e suas vivências, suas mudanças, dentro da sociedade de Dom Macedo Costa e entender o que realmente se transformou e o que ainda permaneceu com o passar das décadas, referente aos seus comportamentos e pensamentos.

Finalizo com algumas questões que permearam o artigo: será que aquele modelo de mulher “perfeita” e moldada para o lar, presente no trabalho de Bassanezi ainda se faz presente? Os estereótipos que afirmam que a mulher foi feita biologicamente para ser mãe e cuidar dos filhos e que o homem é quem deve sair e prover o sustento da família, como remete o texto de Vasconcelos (2005) se encaixam na realidade dessas mulheres? Que mulher é moldada e construída para ser vista como aquela que vai suprir as necessidades dos homens? Como se dava a heterossexualidade compulsória na vida das mulheres de Dom Macedo Costa, tema este desenvolvido no trabalho da Tânia Navarro Swain (2010)? Todos esses trabalhos dialogam como meios e ações que vão colocando a mulher sobre a dominação do homem, abrindo espaço para vários tipos de violências sobre os corpos femininos, principalmente quando são negras e de poder econômico baixo.

Muito regras foram identificadas nas entrevistas: que para a felicidade da mulher ser completa é preciso está em uma relação matrimonial, porém para isso acontecer ela precisa preservar seu nome, sua reputação, seguindo muitas regras e rodeadas de vigilância. As

mulheres o tempo todo estão sob os olhares julgadores de uma sociedade extremamente machista e patriarcal que foi moldada e criada para o homem 'ser' o centro e o dominador e a mulher ser sujeita a ele em uma posição de hierarquização.

Ficou claro no desenvolvimento do presente texto que as mulheres que foram entrevistadas ao final de suas falas sempre estavam com uma postura que afirmava qual o papel que elas querem estar na sociedade. Elas podem ser mães esposas e sair para trabalhar para aprimorar seus conhecimentos e não ficar refém da palavra final da figura masculina. Elas mudaram seus pensamentos sobre si, tendo o real ideal do papel que elas ocupam em sociedade e que tem direitos de escolhas, e lutam pelos seus ideais e objetivos de vida, sendo protagonistas de suas próprias histórias.

Referências:

BASSANEZI, Carla. "**Virando as páginas, revendo as mulheres: revistas femininas e relações homem-mulher, 1945-1964**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

CUNHA, Maria de Fátima da. Homens e mulheres nos anos 1960/70: um modelo definido? **História: questões & debates**, v. 34, n. 1, 2001.

DEINA, Mário Sérgio. Fonte oral: uma ferramenta a serviço da historiografia contemporânea. *In: X Encontro Regional Sul de História Oral: A História Oral e o discurso de memória*. Curitiba. 2019.

FORTES, Alexandre. O processo histórico de formação da classe trabalhadora: algumas considerações. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 29, p. 587-606, 2016.

GOMES, Daiane de Oliveira; CARNEIRO, Elane Mendonça Conde; MADEIRA, Maria Zelma de Araújo. Mulheres negras, racismo estrutural e resistências. *In: Anais do XVI Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social*, v. 16, n. 1, 2018.

GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, v. 2, n. 1, p. 223-244, 1984.

MAIA, Cláudia de Jesus. **A invenção da solteirona: conjugalidade moderna e terror moral Minas Gerais (1890-1948)**. (2007). Tese Programa de Pós-graduação em História da Universidade de Brasília. Brasília, 2007.

NAVARRO-SWAIN, Tânia. Desfazendo o "natural": a heterossexualidade compulsória e continuum lesbiano. **Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 4, n. 05, jan./jun. 2010.

ROQUETE, J. I. Código do bom-tom ou Regras de civilidade de bem viver no século XIX. *In: SCHWARIZ, Lilia Moritz (org.). O código do Bom-tom*. São Paulo. Companhia das letras, 1997. p. 307.

ROHDEN, Fabíola. Para que serve o conceito de honra, ainda hoje?. **Campos-Revista de Antropologia**, v. 7, n. 2, p. 101-120, 2006.

SOIHET Rachel. História das mulheres. *In: CARDOSO, Ciro; VAINFAS, Ronaldo. (org.). Domínio da historia Ensaio de teorias metodologia*. Rio de Janeiro. Editor Campus, 1997, p. 399- 429.

SOUZA, Edinélia Maria Oliveira. Cruzando memórias e espaço de cultura: Dom Macedo Costa-Bahia (1930-1960). **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 18, 1999.

VASCONCELOS, Tânia Mara Pereira. Sertão das "muié séria"? Convenções de gênero e rebeldia feminina em processos judiciais em Jacobina (BA). **Saeculum-Revista de História**, p. 318-334, 2019.

VASCONCELOS, Vânia Nara Pereira. Entre a norma e a rebeldia: rastros de feminismos no sertão baiano. **Saeculum–Revista de História**, p. 204-216, 2019.

VASCONCELOS, Vânia Nara Pereira. Visões sobre as mulheres na sociedade ocidental. **Revista Ártemis**, v. 3, 2005.

VASCONCELOS, Vânia Nara Pereira. **Evas e Marias em Serrolândia: práticas e representações sobre as mulheres em uma cidade do interior (1960-1990)**. 2006. Dissertação (Mestrado em História) Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal da Bahia. Salvador, Bahia, 2006.

Bibliografia consultada:

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (org.). **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro. Elsevier, 2012.

FARIA, Sheila de Castro. **A colônia em movimento: fortuna e família no cotidiano colonial**. Editora Nova Fronteira, 1998.

LOURO, Guacira Lopes. **Sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**, v. 6, p. 14-36, 1997.

NOVAIS, Fernando; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **História da Vida Privada no Brasil: contrastes da intimidade**. vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VENTURA, Zuenir. **1968: o ano que não terminou**. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1988.

Fontes orais:

BISPO, Jovita. 78 anos. Abril/2022. Entrevistadora: Joelia Silva Figueira. Dom Macedo Costa / BA. 08/04/2022.

SANTOS, Edineide. 45 anos. Abril/2022. Entrevistadora: Joelia Silva Figueira. Dom Macedo Costa/BA. 10/04/2022.

LIMA, Silvana. 48 anos. Abril/2022. Entrevistadora: Joelia Silva Figueira. Dom Macedo Costa /BA. 24/04/2022.

SOUZA, Ana Paula . 30 anos. Agosto/2022. Entrevistadora: Joelia Silva Figueira. Dom Macedo Costa/BA. 15/08/2022.

SANTOS, Marijane. 30 anos. Agosto/2022. Entrevistadora: Joelia Silva Figueira. Dom Macedo Costa/BA. 15/08/2022.

SILVA, Sueli. 47 anos. Agosto/2022. Entrevistadora: Joelia Silva Figueira. Dom Macedo Costa/BA. 21/08/2022.

LEMOS, Nilma.36 anos. Agosto/2022. Entrevistadora: Joelia Silva Figueira. Dom Macedo Costa/BA. 23/08/2022.

CERGUEIRA, Maria Cosmelina.48 anos. Agosto/2022. Entrevistadora: Joelia Silva Figueira. Dom Macedo Costa/BA. 26/08/2022.



TERMO DE CESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS E AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO DE OBRA EM ACESSO LIVRE

Autorizo a Universidade do Estado da Bahia (UNEB), com sede na Rua Silveira Martins, 2555, Cabula, Salvador/BA, inscrita no CNPJ sob o nº 14.485.841/0001-40, a disponibilizar em formato digital, com acesso livre e gratuito, nos canais eletrônicos da Instituição, tal como o Repositório Institucional SaberAberto desta Universidade, a obra:

Mulheres de Dom Macedo Costa:
Desigualdade de gênero e pressões
de resistências nas relações matrimoniais

Data da Defesa: 16/02/2022

Tipo do documento:

TCC¹ () TCCE² (X) Dissertação () Tese () Artigo Científico () Livro
() Capítulo de livro () Outro: _____

Represento e garanto que a obra cedida é original e de minha autoria/coautoria/organização e que assumo, portanto, a total responsabilidade pelo seu conteúdo.

A obra descrita acima será disponibilizada com acesso livre e gratuito, em caráter definitivo, em âmbito nacional e internacional.

Estou ciente de que é de comum acordo que a cessão dos direitos autorais se dá a título gratuito, nada tendo a exigir uma parte da outra a qualquer título.

Declaro que, para os devidos fins, o presente trabalho é de minha autoria e estou ciente:

· Dos Artigos 297 a 299 do Código Penal, Decreto-Lei n. 2.848 de 7 de dezembro de 1940;

· Da Lei n. 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, que dispõe sobre os Direitos Autorais;

· Do Regimento Interno da Universidade do Estado da Bahia;

· Da lei 12.527 de novembro de 2011, que trata da Lei de Acesso à Informação;

· Da utilização da licença pública internacional Creative Commons 4.0;

· Que segundo o Código Penal dos Direitos Autorais no Art. 184 - plágio é crime. Pena - detenção, de 3 (três) meses a 1 (um) ano, ou multa.

Santo Antonio de Jesus/BA, 16/04/2023.

Local e Data

Joelia Silva Figueira
Assinatura do(a) autor(a)

1 Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação

2 Trabalho de Conclusão de Especialização